

PESO de Alexandre Conefrey

Temos muito gosto em apresentar a segunda exposição individual de Alexandre Conefrey na Galeria Belo-Galsterer. Passaram-se dois anos em que muito aconteceu e em que o artista muito trabalhou. O trabalho para esta exposição começa em 2016, e de facto o resultado está à vista.

Deixámos a Carlos Correia a tarefa de escrever acerca deste novo corpo de trabalho do artista.

PESO

A natureza não tem sistema, tem simplesmente; é vida e ritmo,
nasce de um centro desconhecido e dirige-se para um limite não reconhecível

Johann Wolfgang Goethe

O desenho puro não alterará a função da sua linha, que dá sentido ao seu fundo,
pelo facto de o deixar em branco; resulta daqui que, em certas circunstâncias,
a representação de nuvens e do céu em desenhos possa ser arriscada e, por vezes,
pedra-de-toque da pureza do seu estilo

Walter Benjamin

Antes de mais, alertamos para o facto de que é de uma viagem que aqui se trata; de um percurso acidentado e durante o qual não é permitido o uso de qualquer espécie de cinto de segurança; contudo, devemos igualmente deixar claro que um risco que conduz o lápis do ponto A ao ponto B, não deixa de ser um modo de viajar.

O nosso primeiro contacto com estes novos desenhos de Alexandre Conefrey teve lugar dentro da regra: as obras estavam apenas na parede. Ainda assim, e mesmo antes de lhes havermos tacteado a genealogia, a sensação de que algourgia subir da folha de papel, era evidente. Ficou-nos essa primeira impressão. Depois teve lugar uma conversa com o artista sobre os pontos de partida pisados para que aqui (aos desenhos) se chegasse. Por essa altura, as suspeitas começaram a ganhar contornos que evidenciavam uma confirmação. Não a confirmação, mas uma confirmação.

A sensação de que aqueles traços de grafite - orquestrados na forma que se nos dava a ver - clamavam por subir, mantinha-se e, por esta altura, era já corroborada por uma ou outra pista e por este ou aquele indício. A confirmação absoluta, contudo, veio mais tarde e teve lugar quando vimos os desenhos grandes, estendidos no chão. Nós de pé e eles deitados. Mas não se julgue que esta validação foi condutora de uma qualquer espécie de estabilidade. A saber: o substantivo aumento de escala destas obras em relação às de mais pequena dimensão, fez com que a força de atracção que sentíamos perante os desenhos mais pequenos (e que operava no sentido de sermos nós a sugar aqueles fios de grafite), fosse agora intensificada e, de certa forma, invertida: já não somos nós que sugamos aquelas linhas de grafite, mas sim elas que nos sorvem. E é precisamente neste ponto que a condição de espectador destas obras se adentra no estranhamento, pois somos como que transportados para um ponto sobre o qual se cruzam uma multiplicidade de jogos de força; escusado será dizer que esse transporte não tem direito a bilhete de volta.

Ora, face a tantos e tão ameaçadores indícios de quebra da regra, o artista viu-se na iminência de criar um procedimento capaz de garantir uma espécie de serviços estruturais mínimos, de eixos seguros e perenes, ainda que a sua aplicação se dê num território que apenas ele conhece e ao qual, manifestamente, nos é negado o acesso.

Recapitulemos: temos, então, uns desenhos que ameaçam deixar de o ser, pois os traços que fazem com que aquele pedaço de papel seja um desenho, estão prestes a subir e, desta forma, abandonar tal superfície; temos, depois, outros desenhos, igualmente na iminência de passarem a ser outra coisa coisa que não um desenho (um pano de fundo para um qualquer acontecimento?), mas agora por via da absorção do espectador na superfície que os constitui.

E que tal se, para baralharmos as cartas mais uma vez, dissermos que o ponto de observação a partir do qual estes desenhos, em rigor, surgiram é tal que muito poucos seres humanos o experimentaram até aos dias de hoje? E se, não contentes com todas estas achas lançadas à fogueira, disséssemos, ainda, que (mantendo a linha rigorosa), estes desenhos não partem de uma imagem e sim de uma construção quase escultórica?

Voltemos ao centro, na medida do possível; uma imagem de nuvens vistas do espaço deu origem a esculturas de pequenas dimensões e estas, por sua vez, passaram a ser os desenhos que constituem esta exposição de Alexandre Conefrey. No final, é de desenho que aqui se trata e do poder evocador que este meio, quando conduzido por mãos capazes, continua a suscitar. E de que capacidade se fala aqui? Não só daquela que dá conta da leitura da natureza (aqui representada por nuvens, aliás, por fotografias de satélite de nuvens, aliás, por modelos em papier-maché de nuvens, aliás, pela tradução de tudo isto em desenho) enquanto organismo em permanente devir e à mercê de forças que a vão, incessantemente, moldando; mas também da que estabelece uma ligação entre o olho e a mão passível de traduzir a prévia leitura em coisa de se ver.

Não obstante o carácter acidentado desta viagem, na qual fomos convidados a experimentar os mais variados pontos de observação, parece-nos evidente que nos damos por satisfeitos pelo facto de não nos ter sido fornecido o tal bilhete de volta.

Carlos Correia, 2017

BIOGRAFIA

Alexandre Conefrey nasceu em Lisboa em 1961, onde vive e trabalha.

Fez o curso de desenho no Ar.Co, em Lisboa entre 1993 e 95 e foi bolseiro no Royal College of Art, em Londres.

Apresentou as suas obras em várias exposições individuais, como por exemplo: Anima Mea (2016-2017), Vila Nova da Barquinha, PT, com curadoria de João Pinharanda; Grazie Mille, Mille Grazie, Galeria Belo-Galsterer, Lisboa (2015), The Pit: Dois abismos - Um poço fitando o céu, Fundação EDP, Museu da Electricidade, Lisboa (2015); Mockingbird, Casa Museu Nogueira da Silva, Galeria do Jardim, Braga, (2014); Plus, Galeria Miguel Nabinho, Lisboa, (2013); To cut a long story short, Giefarte, Lisboa (2012); Hide and Seek, Galeria Pedro Cera, Lisboa, (2004); Andrew Mummery Gallery, Londres, Reino Unido, (2000); Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, (1999); Galeria Alda Cortez, Lisboa (1996).

Participou também em exposições coletivas como: Um Horizonte de Proximidades - uma topologia a partir da Coleção António Cachola, Arquipélago, S. Miguel, Açores (2015); Oracular - Spectacular, CIAJG, Guimarães (2015); Animalia e Natureza na Coleção do CAM, Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (2014); Abecedário - 40 Anos do Ar.Co, MNAC- Museu do Chiado, Lisboa, (2013); Traços, Pontos e Linhas_ desenhos da Coleção António Cachola, Museu de Arte Contemporânea de Elvas, Elvas (2012); O Fio Condutor: Desenhos da coleção do CAM, CAM, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (2010); Guardi - A Arte da Memória, Centro Cultural de Belém, Lisboa (2003); EDP Arte, Prémio Desenho/ Prémio Pintura - II edição, Fundação de Serralves, Porto (2001), entre outras.

As suas obras estão presentes em diversas coleções: Coleção Ar.Co; Caixa Geral de Depósitos, Lisboa; CAM - Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; Coleção António Cachola, Elvas; Ministério dos Negócios Estrangeiros; Fundação Carmona e Costa, Lisboa; Coleção de Arte Fundação EDP; e importantes coleções privadas portuguesas e internacionais.

PESO by Alexandre Conefrey

We are delighted to present the second solo exhibition by Alexandre Conefrey at Galeria Belo-Galsterer. Two years have passed in the meantime and many exhibitions and projects have been realized by the artist. The work for this show began in 2016, and its result is clearly visible.

We leave it to Carlos Correia to write about this newest series by the artist.

PESO

Nature has no system, it just is; life and rhythm,
born out of an unknown center and directing itself unto an unknown limit.

Johann Wolfgang Goethe

The pure drawing does not change the function of its line, the one that transfers meaning to its backspace, through the fact of leaving it untouched; that's why in certain circumstances the representation of clouds and the sky in drawings might be risky but, sometimes, it is what characterizes best the purity of its style.

Walter Benjamin

Before anything else, we have to forewarn you about the fact that this is a journey we are talking about; a difficult trip and during the one it is not allowed to use a single security belt; however, we should in any case make it clear to you that the risk of taking the pencil from point A to point B, is always a form of travelling.

Our first contact with these new drawings by Alexandre Conefrey took place within the established conventions: the works were put on the wall. And yet, and even before having goped their genealogy, the sensation that something was trying to crawl up insistently to install itself on the surface of the paper sheet, was evident. This was one of the first impressions that stayed with us. Afterwards, a conversation with the artist took place, about the points of departure he used to get here (to the drawings). By then, the first impressions were outlined and noticed in form of a confirmation. Not the confirmation, but a confirmation.

The feeling that these lines of graphite – orchestrated in the way they were presented – cried out loudly trying to emerge on the surface, stayed with us, and by that moment it was already clear and proven by another hint and this and that symptom. But the absolute confirmation, however, came later and only happened when we were confronted with the large-scale format drawings laying on the floor. We were standing up right and they were down there. But you should not judge that this validation was inducing any kind of stability. You should know that the significant change in scale of these works compared to the smaller ones, augmented the force of attraction felt when standing before the drawings of smaller dimensions (which resulted in a feeling of being absorbed by those graphite lines), which now was intensified and in a certain manner turned up-side-down: it wasn't us anymore who breathed in those lines, but it were the lines that breathed us in. And it is precisely that moment when the condition of the spectator of these artworks penetrates into estrangement, as we are transported to a multiplicity of intersections of forces; it is, of course, unnecessary to say that there is no return ticket for this trip.

Well, facing so many alarming signs of disobedience, the artist found himself within a crucial situation having to create a procedure that would guarantee a kind of minimal service structure, with safe and perennial axis,

even if they were applied onto a territory only known to the artist and to which, manifestly, our access is barred to.

We have to recapitulate: there are, consequently, several drawings, which menace to cease to be what they are, as the signs that compose them on the piece of paper, are apparently surfacing and therefore abandoning the same surface; afterwards, we have, other drawings that are equally and eminently transfiguring themselves into something else (a stage for a happening?), but now the spectator has been absorbed into the surface that constitutes the drawings.

And what if, to start all over again, we said that the point of observation from which these drawings have been created, really, is so special that few human beings have tried it out until today? And if, yet not satisfied with the launch of all these ideas, we'd say that (maintaining the line of rigor) these drawings did not start with an image but that, yes, their origin lies in an almost sculptural construction?

Lets come back to the center, within the possible; an image of clouds seen from space originated small-dimensioned sculptures, which, in turn, became the drawings that now constitute this exhibition by Alexandre Conefrey. In the end, we are talking about drawing and its evocative power, when conducted by skillful hands. But which potential are we talking about? Not only about the one that is capable of reading nature (here represented by clouds, or better satellite-taken pictures of clouds, or, papier-mâché models of clouds, or even better, the translation of all of this into drawing) as an ever-changing organism and at mercy of forces that are incessantly intervening; but we are also talking about the one that establishes a connection between the eye and the hand that is able to translate a previous reading into something we can see.

However, regardless the tumultuous character of this journey to which we have been invited to test the most varied points of observation, it seems obvious to us that we are completely satisfied with the fact that we weren't given that return-ticket.

Carlos Correia, April 2017

BIOGRAPHY

Alexandre Conefrey was born in Lisbon in 1961, where he lives and works.

He made a drawing course at Ar.Co in Lisbon between 1993 and 95 and had a fellowship at the Royal College of Art in London.

He has presented his works in several solo exhibitions, such as: Grazie Mille, Mille Grazie, Galeria Belo-Galsterer, Lisbon (2015), The Pit: Dois abismos - Um poço fitando o céu, Fundação EDP, Museu da Electricidade, Lisbon (2015); Mockingbird, Casa Museu Nogueira da Silva, Galeria do Jardim, Braga, (2014); Plus, Galeria Miguel Nabinho, Lisboa, (2013); To cut a long story short, Giefarte, Lisboa (2012); Hide and Seek, Galeria Pedro Cera, Lisbon, (2004); Andrew Mummery Gallery, Londres, Reino Unido, (2000); Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, (1999); Galeria Alda Cortez, Lisbon (1996).

He also participated in group exhibitions such as: Um Horizonte de Proximidades - uma topologia a partir da Coleção António Cachola, Arquipélago, S. Miguel, Azores (2015); Oracular - Spectacular, CIAJG, Guimarães (2015); Animalia e Natureza na Coleção do CAM, Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisbon (2014); Abecedário - 40 Anos do Ar.Co, MNAC- Museu do Chiado, Lisbon, (2013); Traços, Pontos e Linhas_desenhos da Coleção António Cachola, Museu de Arte Contemporânea de Elvas, Elvas (2012); O Fio Condutor: Desenhos da coleção do CAM, CAM, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisbon(2010); Guardi - A Arte da Memória, Centro Cultural de Belém, Lisbon (2003); EDP Arte, Prémio Desenho/ Prémio Pintura - II edição, Fundação de Serralves, Porto (2001), among others.

His works are present in several collections: Ar.Co Collection; Caixa Geral de Depósitos, Lisbon; CAM - Calouste Gulbenkian Foundation, Lisbon; Antonio Cachola Collection, Elvas; Ministry of Foreign Affairs; Carmona e Costa Foundation, Lisbon; EDP Foundation Collection; and in important Portuguese and international private collections.

VOID de María Renée Morales Lam

A natureza contenta-se com a simplicidade. E a natureza é inteligente.
Isaac Newton

Temos muito gosto em apresentar a primeira apresentação a solo de Maria Renée Morales Lam na Galeria Belo-Galsterer. No seu trabalho, a artista guatemalteca explora as intersecções entre a arte e a ciência, trabalhando conceitos como a luz, o tempo, a gravidade, a ausência, a memória física das coisas, bem como o mundo invisível. VOID, uma instalação a partir de luz e vidro, exemplifica a sua relação com estes materiais e conceitos – as formas nos ecrãs levam-nos para um mundo de mistério e magia; o invisível tornado visível, uma pesquisa científica tornado artística.

Como sabemos que algo existe? Porque vemos. Entre outros sentidos que o ser humano tem à sua disposição a visão é, para quem trabalha nas artes plásticas, talvez o mais importante sentido. A visão, o olhar, ferramentas simples mas essenciais para o entendimento do mundo em que vivemos.

Entramos no espaço da instalação VOID, que deu o nome ao projecto, e vemo-nos confrontados com um espaço em constante alteração, entre a quase escuridão e a luz total. Um espaço que faz aparecer e desaparecer formas e objetos, um espaço em suspenso, concretizado e realizado pela presença da luz. O imaterial tornado matéria, obra de arte.

Isaac Newton, astrónomo, filósofo e físico, escreveu Opticks (em 1704), tratado científico sobre a óptica e a luz, sendo ele o primeiro a afirmar que a luz branca era composta por vários espectros de cores, e que investigou a forma como a luz reage ao passar por outros materiais, como o ar, a água ou o vidro.

Estamos de volta ao vidro: nas palavras da artista o vidro tem uma “relação inerente com a luz e o tempo. O encontro entre a luz e este material representa a grande interacção entre energia e matéria que está envolvido em quase tudo, se não praticamente todos os fenómenos que acontecem no universo. Mesmo que solidificado, o vidro representa um momento congelado no tempo.”

VOID fala-nos de uma ausência – uma interrupção no espaço, no tempo – um limite que nos leva a questionar a existência humana, natural, os mistérios da vida...

Alda Galsterer, Abril 2017

BIOGRAFIA

María Renée Morals Lam nasceu na Cidade do Guatemala, em 1985. Vive e trabalha entre Lisboa e Estocolmo.

Tem um BA em Desenho Industrial, da Universidad Rafael Landívar, Guatemala, 2010.

Concluiu o Mestrado em Arte e Ciência do Vidro, VICARTE, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 2016.

A natureza física da luz e sua transformação em matéria são as suas preocupações principais do seu trabalho. Mais especificamente como eles interagem e como, de forma mais metafórica, se relacionam com a artista na sua acção com espaço e matéria. Ao mesmo tempo, o seu trabalho aponta para a escala invisível na qual acontece a interacção entre energia e matéria. A sua obra funciona como tradução do mundo invisível, tentando tornar visível o mundo que não nos é passível de aceder imediatamente com os nossos sentidos, a luz, a vida e o universo.

(Vs. En.)

GALERIA
BELO-
GALSTERER

VOID de María Renée Morales Lam

Nature is pleased with simplicity. And nature is no dummy.
Isaac Newton

We are very pleased to present the first solo presentation by Maria Renée Morales Lam at Galeria Belo-Galsterer. In her work, the Guatemalan artist explores the intersections of art and science, by working on concepts as light, time, gravity, absence, the physical memory of things and the world hidden to the human eye. VOID, an installation using light and glass, exemplifies her relationship with these themes – forms made visible on screens take us to a mysterious and magical world; the invisible becomes visible, the scientific research becomes art.

How do we know that something exists? Because we see. Between the other senses the human being uses, vision, especially for Visual Arts professionals, is the essential tool for understanding the world we live in.

We enter the space of the installation VOID, that named the project of the artist, and are confronted with a space in constant change and movement, between almost darkness and total light. A space in which we encounter forms and objects, a space in suspension, concretized and realized by the presence of light. What is not material becomes matter, becomes an art work.

Isaac Newton, astronomer, philosopher and physician, wrote *Opticks* (in 1704), a scientific treaty about optics and Light, being Newton the first one to prove that white Light was composed of a spectre of colours; he researched the way how light reacts and transforms itself when passing through other materials, like air, water or glass.

Glass – here it is again: in the words of the artist “Glass has an inherent relationship with light and time. The encounter of light with this material represents the great interaction between energy and matter involved in most, if not all, known phenomena happening in the universe.”

VOID talks about an intangible presence – an interruption in space, in time – a limit that makes us stop, think and question human existence, nature, the mysteries of life...

Alda Galsterer, April 2017

BIOGRAPHY

María Renée Morales Lam, born in 1985 in Guatemala City. Lives and works in Lisbon, Portugal.

BA in Industrial Design, Universidad Rafael Landívar, Guatemala, 2010

MA in Glass Art and Science, VICARTE, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 2016

The physical nature of light and the transformation of matter are the main concerns present in her work. More specifically, how they interact and how they metaphorically relate to the interaction of the artist with the space and the material. At the same time, it points to the invisible scale in which the interaction between energy and matter happens, inevitably influencing one's perception and the way one shapes Reality. In this sense, she seeks to translate the world hidden to the human eye, approaching the factual information from an imaginative way. Her work attempts to formulate a tangible vocabulary, in an effort to generate further understandings of light, life and the universe around her. Her work also questions Time, but mainly through the physical absence of things or, in other words, the powerful presence of the Invisible.